

também, simbolicamente e de fato, no fundo do poço da existência humana, onde só contam as questões básicas.

Isto não fez Beckett muito popular, é claro, mas ele não se importa. Suas metáforas falam — e comoventemente — a alguns poucos, àqueles que Stendhal, citando Shakespeare, chamava de the happy few, e isto, não por elitismo, mas na falta de coisa melhor, já é o bastante — por enquanto, pelo menos. Na verdade, é difícil não se comover, com aquela empatia fundamental à obra de arte, quando se vê no palco o velho Krapp ouvindo gravações em fita que fez em diferentes períodos de sua vida e perguntando-se para onde foram todos aqueles outros eus que um dia foram ele, e que agora não são mais. Ou quando se percebe afinal que a história de Watt, personagem-título de outro romance, que trabalha durante algum tempo para um misterioso Sr. Knott, ao qual nunca vê, e que termina por despedi-lo,

nada mais é que uma alegoria da vida humana em sua relação com as misteriosas forças que a regem, com um possível Deus.

A prosa, os diálogos, podem ser aleatórios, aparentemente sem sentido — absurdos, como se convencionou chamá-los — mas para uma mente atenta terminam revelando-se como rumores inquietantes que pressagiam uma deslumbrante revelação. É como se o autor revolvesse a massa informe e borbulhante da existência humana para de lá arrancar, após um exaustivo trabalho — para ele e para o leitor —, uma gema preciosa, uma luz que, de tão intensa, produz aquela lucidez alucinante que só os loucos e os santos podem ver, mas não contemplar — apenas um fulminante vislumbre de compreensão, que escapa antes de ser captado, como um êxtase. O próprio Beckett se descreveu certa vez como “condenado a passar o resto de meus dias revolvendo os detri-